



DOSSIÊ

“HORIZONTES DE EXPECTATIVAS SOBRE A FORMAÇÃO DOCENTE: EXPERIÊNCIAS DOS ESTÁGIOS SUPERVISIONADOS EM TEMPOS DE ENSINO REMOTO”.

Organizadores:

*Rosiane Ribeiro Bechler

**Júlio César Virgínio Costa

***Célia Santana

APRESENTAÇÃO

“mais que nos tempos de calmaria, é nos tempos de crise e de conflitos que podemos captar melhor o funcionamento real das finalidades atribuídas à escola” (JULIÁ, p.19, 2001)

A ideia deste Dossiê foi concebida a partir dos diálogos estabelecidos entre as professoras Célia Santana Silva, da Universidade do Estado da Bahia, Rosiane Bechler, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, e Júlio Costa, do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Ainda que geograficamente distantes, partilhamos angústias e desafios advindos de um lugar comum: a atuação e compromisso com a formação docente. E foi no atravessamento de angústias e anseios provocados pela Pandemia da Covid 19 e seus reflexos nas práticas pedagógicas, sejam elas no interior das escolas de Educação Básica ou nas Universidades, que nos

* Professora Adjunta da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. Doutora em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

** Professor Adjunto do Centro Pedagógico da Universidade Federal de Minas Gerais. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais.

*** Professora Adjunta da Universidade Estadual da Bahia. Doutora em Educação pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

BECHLER, R.R.; COSTA, J.C.V; SANTANA, C.

encontramos e elaboramos esta proposta com o intuito de reunir experiências, reflexões e informações sobre as vivências da formação docente neste tempo.

Diante deste contexto que nos impacta, cremos ser inegável que os limites saltariam aos nossos olhos de imediato, porém, mesmo que tenhamos a certeza de que foi/é um momento de deslocamentos, de desenraizamento do conhecido, é possível, nos textos aqui selecionados, identificar reflexões que se fazem em três movimentos temporais: o primeiro sobre o tempo não tão passado assim, mas que nos permite pensar como os estágios vinham se desenvolvendo na formação docente inicial; no segundo, um presente, aquele que olha face a face com o desafio posto; um terceiro, que talvez seja nosso maior ganho diante do enorme desafio vivenciado por todos e todas envolvidos nesse processo. O que foi identificado e nomeado como uma junção de relatos de experiência e iniciativas gestadas no contexto pandêmico, das diversas experiências de professores formadores e supervisores de estágio juntamente, em alguns casos, com seus estagiários. E que, é possível verificar que muitos dos relatos deste dossiê permitem uma reflexão sobre o quanto o estágio em seu formato presencial é essencial para a formação acadêmica inicial.

Nestes dois anos do contexto pandêmico e das medidas necessárias para o combate a propagação do vírus - luta esta que foi dificultada propositalmente pela ingerência do governo federal, observamos nas diferentes dimensões da vida a suspensão de práticas, dinâmicas, relações e espaços. Fomos convocados, de forma abrupta e despreparada, a enfrentar uma Pandemia em um mundo que se mostrou tão globalizado quanto desigual. Apenas no Brasil, o número de vítimas fatais já chega a cerca de 633.000¹ vidas (e subindo). As interrupções e reconfigurações das diferentes atividades, dentre elas as do campo da Educação, não ocorreram sem debates, conflitos e perdas.

O espaço da escola precisou ser, legitimamente, interditado e reconfigurado, demandando intervenções que chamaremos aqui de práticas remotas. Essas práticas abrangem uma pluralidade de estratégias que vão muito além do uso das tecnologias

¹ Esses números foram coletados no dia 09 de fevereiro de 2022, momento no qual somos atingidos pela onda de contaminação provocada pela variante Ômicron que elevou sobremaneira o número de infectados, internados e vítimas fatais (cerca de 1.000 por dia nesse momento).

digitais e das redes sociais no estabelecimento de novas formas de comunicação e relações de ensino-aprendizagem. Há que se destacar que, na vastidão do território brasileiro, observam-se públicos escolares e condições de acesso às tecnologias consideravelmente distintas, que ensejaram práticas remotas também distintas mas, com o objetivo comum, de manutenção do vínculo de crianças, adolescentes, jovens e adultos, com a Escola.

No caso dos estágios supervisionados dos cursos de licenciatura, disciplinas diretamente vinculadas à Educação Básica, o impacto das alterações no universo escolar refletiram de forma direta e desorganizadora. Uma vez que as práticas remotas reconfiguraram os tempos e espaços escolares em um contexto emergencial, no qual o *modus operandi* dos circuitos formativos para a docência também foram impactados. Nesse contexto, professores orientadores, supervisores, estagiárias/os, estudantes, diretores, dentre outros sujeitos comprometidos com os estágios supervisionados como espaço/tempo de experiências sensíveis no percurso da formação inicial docente, precisaram resistir. E, resistindo, reinventaram possibilidades outras de captar e acessar as culturas escolares fragmentadas em espaços virtuais.

Esse *entretempos* das experiências engendradas pelo contexto pandêmico levou muitos sujeitos a situações limite. Mas gestou, por outro lado, estratégias inventivas, e de enfrentamento aos usos das tecnologias e apropriações da cultura digital. Este Dossiê reúne, assim, artigos e relatos que apresentam, a um só tempo, o registro das experiências vivenciadas (ou suspensas) no contexto do ensino remoto emergencial, e o esforço reflexivo de analisar e avaliar essas mesmas experiências e suas reverberações na formação docente.

Os oito textos que compõem esse dossiê interdisciplinar apontam para algumas angústias comuns assim como reafirmam compreensões já sedimentadas sobre os sentidos e sujeitos envolvidos no circuito formativo dos estágios supervisionados. A efetiva apropriação das tecnologias no contexto educacional, a qual ainda resistíamos, mostrou-se um caminho inevitável. Por outro lado, essa mesma constatação descortinou e acentuou as desigualdades sociais que se refletem nas culturas escolares e acadêmicas, e determinaram a disponibilidade de tempo e o acesso, ou não, aos meios digitais e às possibilidades de continuidade de estudos no contexto pandêmico.

Dado ao baixo uso de dados e a rápida dinâmica de comunicação entre ou à vários sujeitos em um mesmo tempo, os grupos de Whatsapp emergiram como espaço de partilha, agora no contexto educacional. A plataforma de trabalho G Suit, da empresa Google, também se expandiu por setores privados e públicos, com ofertas tentadoras de acessibilidade e espaço de arquivamento das informações nas suas nuvens. O estabelecimento de relações nos espaços virtuais demandou a elaboração de novos contratos sociais, nem sempre bem sucedidos, como, por exemplo, o uso das câmeras e dos chats durante reuniões e aulas online.

O ineditismo das relações de ensino e aprendizagem em contexto remoto afetou a todos os sujeitos que transitam nessa territorialidade de fronteiras permeáveis, que é a escola. Entre a suspensão e a retomada das aulas nas escolas e nas universidades, demandou-se um tempo de negociações, adequações e compreensões para a redefinição de percursos, tendo em vista o caráter emergencial que se impunha. A escola se viu ante a demanda emergente da manutenção de vínculos e, ainda, no caso das escolas públicas, de apoio social às famílias de seus estudantes. Já a Universidade, particularmente no tocante à formação de professores e professoras, também precisou fazer escolhas. Estas implicaram na oferta dos estágios supervisionados em contexto remoto tendo em vista tanto o reconhecimento de que esse atravessamento é parte da experiência formativa dos/as licenciandos/as, quanto o direito desses jovens de concluírem suas graduações, indiscutivelmente impactada pela pandemia da Covid 19.

Cabe ainda ressaltar que, para além dos desafios reconhecidos, a sala de aula virtual acabou por potencializar questões presentes também no espaço físico da Escola. Muito se discutiu sobre a garantia de aprendizagem e a catalização da atenção dos/as estudantes pelos/as professores e professoras. Mas, no contexto presencial, conseguíamos alcançar tal feito? Quantas eram as presenças ausentes que, no espaço virtual, reconfiguraram-se como ausências presentes? Respostas a essas inquietações não serão dadas em um dossiê apenas. Elas demandam, como aponta Antônio Nóvoa

(2020), o compromisso de toda a comunidade de educadores e educadoras, e igualmente da sociedade e do poder público, com o debate e as mudanças que já tardam na qualificação da educação brasileira, sobretudo, da escola pública.

Para esse *entretempo* de reflexões e ações, deixamos nosso convite para a leitura desse dossiê e o encontro com as experiências: aquelas vivenciadas pelo professor supervisor Júlio César Costa e a estagiária Maria Fernanda Costa, sobre o estágio em História no Centro Pedagógico na Universidade Federal de Minas Gerais (CP-UFMG) e os usos e apropriações do Ambiente Virtual de Ensino dessa Instituição; do graduando Luiz Bento e seu professor supervisor, Warley Correia, que, também no CP-UFMG, desenvolveram atividades e repensaram percursos para o ensino-aprendizagem da Matemática no período remoto; do relato de experiências escrito por Thalita Carneiro, Ana Paula Teles, Santer Matos e Luiz Franco, sobre as adequações da metodologia da investigação para o ensino de Ciências Biológicas no período remoto junto a estudantes do CP-UFMG; relatadas pelos estudantes da licenciatura em História da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), a partir do estágio realizado sob supervisão do professor Herbert de Oliveira Timóteo, registra reelaborações do conhecimento histórico escolar sobre o tema “Cidadania ontem e hoje” e possibilita acompanhar a trajetória de formação e amadurecimento dos estagiários envolvidos; das professoras Elizabeth Seabra, Paula Silva, Rosiane Bechler e Simone Santos, também da UFVJM, relatam as experiências promovidas “Território de Partilhas”, um projeto de extensão que tem se constituídos como locus de diálogo interdisciplinar entre os sujeitos envolvidos no circuito formativo para a docência no contexto da Faculdade Interdisciplinar em Humanidades (FIH); que podem ser lidas no texto “Saberes docentes e estágios...”, como um convite à reflexão sobre a importância e a força do coletivo ante o ineditismos desse tempo pandêmico, e relata experiência desenvolvidas por estagiárias do curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará junto docentes do 4º e 5º ano do Ensino Fundamental; da professora Kátia Araújo que nos conta sobre as adequações necessárias ao desenvolvimentos dos estágios supervisionados no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco e destaca relevância de promover as experiências de formação docente mesmo no período remoto; e, por fim, do texto escrito por, Thaís Vinhas, Uildima Angeli e Wemis

BECHLER, R.R.; COSTA, J.C.V; SANTANA, C.

Santos que relatam as adequações necessárias para a realização do estágio supervisionado no curso de História da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVIII e destacam como fundamental o diálogo e as negociações entre professores em formação, supervisor e orientador na condução deste outro espaço-tempo do ensino aprendizagem.

A leitura de todos os textos nos possibilita atestar o esforço enorme que foi mobilizado para que os estágios pudessem ocorrer. Mas esses esforços e os depoimentos colhidos, nos impelem a perceber que toda a sistemática desenvolvida serviu, dentre outros aspectos, para reforçar o quanto o estágio em seu formato presencial é essencial na formação inicial dos graduandos das diversas licenciaturas contempladas nos artigos. Estar em contato com os educandos, com os professores orientadores e supervisores é parte fundante do processo. Circular pela escola, observar os olhares, perceber os movimentos na sala de aula e fora dela, estar próximo aos estudantes, observar como os saberes docentes são mobilizados e como a cultura escolar influencia as posturas e as práticas pedagógicas são campos de experiências fundamentais no percurso da formação docente.

Esperamos que essa breve apresentação tenha conseguido retratar as partilhas reunidas neste dossiê. Angústias, tentativas e acertos, tudo mirando a formação docente. Que estas narrativas contribuam para evidenciar a importância da Escola, como também a necessidade do diálogo entre universidade, escola, e sociedade civil. E que, contrariando as afirmações, ofereçam subsídios para reafirmar que, na pandemia, houve trabalho, houve estágio, houve ensino/aprendizagem. Nem sempre da forma como idealizamos. Mas as experiências existiram, mesmo como forma de resistência.

Por fim, esperamos que as reflexões, relatos e perspectivas aqui reunidas, possibilitem delinear horizontes de expectativas para o tempo pós-Covid, um tempo que nos parece que será vivenciado em camadas que oscilarão entre um maior/menor índice de contágio, entre esperanças e desesperanças, entre retornos e suspensões. Mas desejamos que, mesmo conscientes desse pêndulo inconstante que marca o tempo vivido, o movimento de revisitarmos as finalidades da educação escolar e as dinâmicas da formação docente contribua para reafirmar a nossa certeza e compromisso com as mudanças necessárias de serem empreendidas no campo educacional.

Diamantina – Belo Horizonte - Alagoinhas

Fevereiro, 2022

Rosiane Bechler

Júlio César Costa

Célia Santana

Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1 [1], p. 9-43, 2001.

NÓVOA, António. A pandemia de Covid-19 e o futuro da Educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, v. 7, n. 3, p. 8-12, 2020.